

NOTA DO EDITOR

O PRAZER DE SER A VÍTIMA NÚMERO UM

Women have served all these centuries as looking glasses possessing the magic and delicious power of reflecting the figure of man at twice its natural size. Whatever may be their use in civilized societies, mirrors are essential to all violent and heroic action.

Virginia Woolf. *A Room of One's Own*, 1929

A ideia de que o dominado é cúmplice na sua própria dominação ganhou marcada influência teórica com a crítica pós-estruturalista e, em particular, no campo do gênero. Longe, porém, de constituir um *fiat lux* da crítica moderna, trata-se de um tema secular na literatura sobre o feminino. Virginia Woolf que encarnou a interseção entre literatura feminina e crítica feminista debateu a questão num conjunto de conferências realizadas em 1928 e publicadas em livro no ano seguinte, acerca de por que a mulher ocupou um lugar subordinado como autora na história do cânone literário. A resposta da autora é que a literatura foi um área onde se refletiu intensamente a lógica da dominação masculina, como um espelho de aumento usado pela mulher para exagerar o homem.

A mulher, diz Virginia Woolf, faz o homem maior do que ele é, ao juntar os dois sentidos do homem grande e do grande homem. Por um lado, o engrandecimento serve para favorecer a figura do homem herói, em particular se ela puder dizer que esse homem é dela, porque ela é dele. Por outro, trata-se também de ampliar o homem como monstro de violência em dramas que conferem à mulher o papel de vítima número um. Por isso, heroicidade e monstruosidade são, em larga medida, alternativas de um poder feminino como a imagem destorcida do poder do homem, conforme ambas as situações, estar por trás de um grande homem, ou ser pisada por um homem monstro, refletem o prazer de

ocupar um papel importante no livro do homem. No caso de Virginia Woolf, o título do seu livro, no qual as conferências foram reunidas, *A Room of One's Own*, é retirado do argumento de que, para poder escrever, a mulher precisa do seu próprio quarto, no sentido de que precisa de um lugar seu no mundo, subvertendo a metáfora do quarto como, simultaneamente, o espaço onde a mulher é mulher, porque é mulher de um homem, mas também lugar de castigo e cárcere privado.

O artigo de Henrique Testa Vicente, Rui Paixão e João Redondo expande o foco desta discussão, abordando a violência doméstica na perspectiva das psicoterapias dinâmicas e demonstrando que, na realidade, o conceito de violência doméstica como a pura vitimação da mulher pelo homem perpetua 'uma visão monolítica de um problema social complexo'. Os usos do simbólico feminino são também um tópico importante no ensaio de Rodrigo Cardoso, acerca da feminização da enfermagem em visões estereotipadas e largamente visibilizadas nos media que caracterizam a enfermagem como um trabalho submetido, submisso e sem credenciais académicos próprios. A remoção destas deturpações sobre o significado do trabalho dos enfermeiros é uma exigência de um sistema de cuidados de saúde com cada vez maior sentido de profissionalização, especialização e consciência de uma cultura de saúde. De igual modo, Nuno Salgado afirma que as representações do cancro por parte dos doentes e da família, reproduzindo também visões sedimentadas na cultura popular dos media, interferem, com marcado prejuízo, na situação do doente em tratamento oncológico. O autor, abordando, em particular, o caso da radioterapia, enfatiza a necessidade de tornar mais substantivo o conhecimento da doença e dos processos do tratamento, por parte dos doentes e familiares, mas o desafio é também que os profissionais em oncologia desenvolvam maior compreensão dos aspetos culturais e emocionais na experiência vivida do cancro, conforme a sensibilidade cultural humaniza e, portanto, qualifica a prática clínica.

O conhecimento e o uso da contraceção oral de emergência, a pílula do dia seguinte, constitui o objeto do artigo de Isa Caleia, Marina Lopes, Manuela Rodrigues, Maria Clara Rocha e Rui Cruz, numa investigação conduzida com jovens de ambos os sexos. Noutro estudo colaborativo, Liliane Jesus, Isabel Andrade, Margarida Pocinho e Ana Girão apresentam um artigo de revisão sobre os efeitos da poluição do ar em espaços interiores na saúde dos profissionais.

A saúde, como uma direção estratégica na sociedade de hoje, tem constituído um tema recorrente nesta revista e este número recobre o assunto de forma ampla, do ponto de vista do corpo, imaginação e os lugares onde se vive a vida.